

Acordos internacionais, mercado interno e cotidiano baiano - a crise nas relações teuto-brasileiras (1937-1945)

MARINA HELENA SILVA

Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

INTRODUÇÃO

A II Guerra Mundial é um tema exaustivamente discutido, embora ainda apresente algumas lacunas. No geral, o que se percebe é o predomínio de estudos voltados para a guerra propriamente dita, tendo como palco a Europa, e as modificações socioeconômicas, políticas e culturais advindas desse conflito para a conjuntura mundial. No caso do Brasil, por exemplo, as análises quase sempre giram em torno desses aspectos e da sua participação no conflito.¹

Recentemente, porém, algumas pesquisas vêm sendo desenvolvidas procurando demonstrar de que forma a II Guerra alterou a vida dos imigrantes italianos, japoneses e alemães. Entre elas, ressalta-se a tese da Profa. Priscila Perazzo, *Prisioneiros de Guerra. Os cidadãos do Eixo nos campos de concentração brasileiros*², na qual Perazzo faz um balanço da situação dos imigrantes ligados aos países do Eixo e seus descendentes no território nacional, revelando a existência de 10 campos de concentração de alemães em sete Estados brasileiros: Pernambuco, Pará, Espírito Santo, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná (a Bahia não é mencionada); e a tese da Profa. Marlene de Fáveri, *Memórias de uma (outra) guerra. Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra, em Santa Catarina*.³ Há, por parte desta autora, uma preocupação em demonstrar que houve uma outra guerra, travada no cotidiano de Santa Catarina. Nela, as tensões e os medos geraram “redes de intrigas, denúncias, revanchismos, perdas econômicas, ganhos pessoais, desavenças entre vizinhos; reforçaram preconceitos étnicos, de gênero e classe.”⁴ Além da abordagem voltada para as prisões e os campos de concentração de prisio-

neiros em Santa Catarina, Fáveri se detém em analisar, no projeto nacionalista brasileiro, suas implicações para com o diferente: a língua e a religião passaram a se tornar marcas ou sinais da criminalização.

A pesquisa que ora desenvolvo segue nesta mesma linha visando analisar de que forma a II Guerra Mundial alterou as relações entre brasileiros e imigrantes ligados aos países do Eixo, especificamente entre baianos e imigrantes alemães e seus descendentes. Todavia, o meu trabalho não está restrito ao período da guerra, visto que pretende demonstrar que embora representasse um pequeno grupo, esses imigrantes tiveram um papel significativo na economia baiana.

O fato de estarem dispersos em meio à população não foi suficiente para neutralizar os conflitos - também na Bahia, os ânimos acirraram-se, o medo e a insegurança fizeram-se presentes. Os alemães foram presos e enviados para locais de difícil acesso. Um dos locais escolhidos para acolher os alemães foi a cidade de Maracás, na região sudoeste da Bahia.⁵ Nos relatos dos que vivenciaram essa experiência é possível perceber o impacto desse encontro: a maneira como os habitantes da cidade de Maracás reagiram a essa presença e de que modo esses novos “moradores” contribuíram para o desenvolvimento desse município.

Apesar das diferenças e dos impasses, essas lembranças não retratam violência, ao contrário do que aconteceu nas demais regiões do Brasil. Entretanto, há um longo percurso a ser seguido, haja vista que os documentos da época estão bastante dispersos em arquivos localizados em Salvador, Recôncavo Baiano, Rio de Janeiro e até mesmo na Alemanha. Acrescente-se a isso a discussão sobre as tipologias em torno do que vem a ser violência, principalmente a violência simbólica que se manifesta nos discursos da época, o cerceamento dos direitos de ir e vir, entre outras.

Pretendo restringir esta abordagem à situação do Brasil na conjuntura econômica internacional, tomando como marco o período que antecede a II Guerra Mundial (1937), de modo a demonstrar sua inter-relação com o mercado interno e com o cotidiano baiano. Esse dado, a meu ver, é decisivo para que se possa compreender as tensões sociais ocorridas no período da guerra. Em determinados momentos, porém, foi necessário retroceder um pouco no tempo como forma de detalhar alguns aspectos que são significativos para o entendimento dessa problemática. Vale ressaltar que as discussões aqui apresentadas devem ser vistas como considerações parciais, parte

de projeto de pesquisa em desenvolvimento como já foi explicitado anteriormente.

O presente texto está dividido em duas partes: na primeira, o enfoque está direcionado para a posição do governo brasileiro no contexto internacional; na segunda parte, buscarei demonstrar a importância do germanismo para a sociedade baiana e de que forma as disputas por mercados estrangeiros, efetivadas pelas nações mais ricas, refletiram-se no mercado interno e no cotidiano local e, especificamente, na vida dos alemães e seus descendentes. A discussão sobre a política externa brasileira será mediada pela análise de José Honório Rodrigues – *Uma História Diplomática do Brasil (1531-1945)*⁶ – e pelos relatos do comunista João Falcão contidos na obra *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*.⁷

O BRASIL NA II GUERRA MUNDIAL: SUAS POSIÇÕES

Em sua obra, José Honório Rodrigues faz uma descrição bastante significativa sobre a situação do Brasil no período que antecede à II Guerra Mundial:

A posição brasileira no sistema internacional durante o entre-guerras pode ser considerada como exemplar. Exemplo no sentido de como um país economicamente fraco, militarmente inexistente e geograficamente marginal dos pólos de poder, será atingido, apesar dessas limitações, com toda a força pelas rivalidades do momento. Assim, os clamores vindos da Europa ecoarão também no Brasil. Clamores econômicos, pois as ditaduras européias desejam condenar para sempre o *liberalismo imprevidente* e adotar o dirigismo econômico e o protecionismo comercial; clamores ideológicos com a afirmação de doutrinas – o fascismo e o nazismo – que negam ao indivíduo qualquer direito, sendo unicamente o conjunto da comunidade representada pelo partido único que deve responder pela nação; clamores sociais, enfim, com as novas formas de organizar as forças produtivas, especialmente o corporativismo italiano.

Apesar da distância, o Brasil não deixará de ser influenciado pelos debates e pela guerra, opondo regimes irreconciliáveis. Apesar das fraquezas brasileiras, Rio de Janeiro tomará parte ativa nas lutas e conflitos internacio-

nais: os grandes temas dominantes dos anos 1920-40 encontram-se nas preocupações, nos anseios e sonhos dos responsáveis políticos nacionais.⁸

O texto é bastante ilustrativo, sobretudo porque ressalta a participação ativa brasileira na política externa. Assim, em meio às disputas travadas pelas grandes potências mundiais, desejosas em conquistar matérias-primas e mercados estrangeiros, o governo brasileiro, apesar da desvantagem econômica, procurou traçar estratégias que lhe permitissem auferir lucros econômicos.

Já no final do século XIX, a Inglaterra, os Estados Unidos e Alemanha mantinham vínculos com o mercado brasileiro. Os Estados Unidos paulatinamente conseguiram sobrepor-se à hegemonia inglesa sobre o mercado nacional, transformando-se no maior comprador de produtos brasileiros. Entretanto, a importação de produtos manufaturados norte-americanos para o Brasil não acompanhava os mesmos índices, havendo uma preferência dos brasileiros pelas mercadorias europeias.

No que tange às relações Brasil-Alemanha, elas se consolidaram tendo em vista o baixo preço dos produtos alemães e a capacidade da sua manufatura em adequar-se ao mercado.⁹ Do ponto de vista político, a ascensão de governos ditatoriais na Europa e o estabelecimento do Estado Novo no Brasil deixaram os Estados Unidos extremamente preocupados. Esse sentimento, porém, enfraqueceu, a partir de 1938, com a repressão ao integralismo e a crise nas relações do Brasil com a Alemanha e o Japão, motivada, entre outros fatores, pela adoção de uma política nacionalista que atinge em cheio o Sul do país, região onde predominam os imigrantes alemães.¹⁰

Os estrangeiros foram proibidos de participar, criar e manter agremiações, fundações e partidos políticos; de hastear ou usar os símbolos da sua pátria; de manter jornais ou outras publicações e, além disso, eram obrigados a falar português. Os professores deveriam ser de nacionalidade brasileira e as escolas existentes nas colônias deveriam ministrar a geografia e a história do Brasil.¹¹

A eclosão do conflito mundial abalou a economia brasileira. Em 1940, a Inglaterra iniciou o bloqueio naval contra a Alemanha e, desse modo, interrompeu as atividades comerciais dos alemães com a América Latina. Todavia, o bloqueio gerou um outro problema: nem os Estados Unidos nem a Inglaterra tinham condições de suprir as necessidades brasileiras de bens manufaturados. Getúlio Vargas estipulou algumas metas para o seu governo e não se deixou vencer pelos obstáculos. Dentre as medidas propostas por

Vargas destacam-se a industrialização do país, a começar pela construção de uma grande usina siderúrgica, bem como a modernização do equipamento das forças armadas.¹²

A declaração de neutralidade definida pelos países americanos na Conferência do Panamá, inaugurada em 23 de setembro de 1939, contribuiu sobremaneira para que o governo brasileiro atingisse seus objetivos. Isso porque criou “uma zona de segurança continental marítima no Atlântico”. Havia, por parte dos Estados Unidos, um relativo interesse em instalar bases aeronavais no nordeste brasileiro. O governo varguista propôs, então, negociar com esse país em troca de ajuda militar, conseguindo obter um pouco mais. Uma das razões desse sucesso deve-se ao que José Honório Rodrigues denomina de duplicidade brasileira,¹³ ou seja, ao mesmo tempo em que se declarava em estado de neutralidade, em consonância com os demais países da América, Getúlio Vargas continuou mantendo relações política e comercial com os países do Eixo.

Um dos acontecimentos que reforçam essa afirmação está ligado à comemoração da Batalha do Riachuelo, no dia 11 de junho de 1940, quando o presidente Getúlio Vargas fez um discurso a bordo do encouraçado *Minas Gerais*. O discurso teve forte repercussão no Brasil e no exterior por demonstrar a simpatia do presidente aos países do Eixo:

Atravessamos, nós, a Humanidade inteira transpõe, um momento histórico de grave repercussões, resultante da rápida e violenta mutação de valores. Marchamos para um futuro diverso de quanto conhecíamos em matéria de organização econômica social ou política, e sentimos que os velhos sistemas e fórmulas antiquados entram em declínio. Não é, porém, como pretendemos os pessimistas e conservadores empedernidos, o fim de uma civilização, mas o início, tumultuoso e fecundo de uma era nova. Os povos vigorosos, aptos à vida, necessitam seguir o rumo de suas aspirações, em vez de se deterem na contemplação do que se desmorona e tomba na ruína. É preciso, portanto, compreender a nossa época e renovar o entulho das idéias mortas e dos ideais estéreis.¹⁴

Os Estados Unidos, particularmente, manifestaram-se preocupados com a postura de Vargas, sobretudo porque o seu discurso fora pronunciado logo após a fala de Roosevelt, sendo entendido como uma resposta ao presidente norte-americano. Para o comunista baiano João Falcão, Vargas não teve tempo suficiente para inteirar-se do discurso de Roosevelt antes de ela-

borar o seu. Imediatamente, o embaixador norte-americano entrou em contato com o Ministro Osvaldo Aranha e deu-lhe ciência da reação do seu governo. Vargas, então, redigiu um telegrama ao embaixador brasileiro em Washington, Carlos Martins Pereira de Souza, no intuito de que sua mensagem chegasse até Roosevelt:

Discurso pronunciei 11 de junho não podia ser contradita Presidente Roosevelt que ainda desconhecia. Aquele discurso é porém um aviso, um chamamento à realidade, dirigido aos brasileiros e que só aos rotineiros pode causar estranheza não a um espírito previdente como o de Roosevelt, que é um reformador de métodos e idéias antiquadas e está clamando como a voz de todo o continente sobre os perigos que ameaçam a América e sabe que o Brasil não lhe faltará com sua lealdade.¹⁵

O telegrama não pode ser entendido como um simples recuo de Vargas. Era, sim, uma estratégia para pressionar os Estados Unidos a conceder um empréstimo de 15 a 20 milhões de dólares para a construção de uma usina siderúrgica. Além disso:

Getúlio Vargas fez chegar a Washington a notícia da oferta da *KRUPP*, poderoso grupo industrial alemão, para a construção da siderúrgica brasileira. A notícia publicada no *New York Times* levou o Sub-Secretário Summer Welles a advertir ao *Federal Loan Administrator*, Jesse Jones: caso o Brasil aceitasse a liberal oferta alemã, estava assegurada a predominância da Alemanha na vida econômica e militar do país durante muitos anos.¹⁶

O discurso de Vargas deixou preocupado o governo norte-americano, mas a Alemanha vibrou com ele, partindo para a elaboração de uma proposta de negociação, articulada pelo embaixador alemão ao próprio estadista brasileiro. Todavia, a partir do momento em que Osvaldo Aranha tomou conhecimento dessa proposta, passou a pressionar os Estados Unidos a assinarem uma série de acordos com o governo brasileiro.

Entre julho de 1940 a dezembro de 1941, as negociações com os representantes norte-americanos envolvem os seguintes itens: a construção de uma usina siderúrgica no Brasil mediante investimento inicial de US\$ 45 milhões, dos quais 20 milhões seriam emprestados pelos Estados Unidos e garantidos pelo Banco do Brasil, cabendo ao governo brasileiro assumir os

US\$ 25 milhões restantes; acordos sobre o café e o algodão; importações de material estratégico brasileiro (bauxita, cromo, berilo, níquel, diamantes industriais), com entregas anuais desses produtos; aquisição de material para a força aérea e para a defesa costeira; fim da concessão feita junto ao governo italiano e alemão de exploração das comunicações aéreas brasileiras.¹⁷ É preciso ressaltar, porém, que alguns desses acordos não representaram o rompimento das relações do Brasil com a Alemanha.

Ao mesmo tempo em que os Estados Unidos instalaram bases aereonavais no nordeste brasileiro, algumas medidas foram tomadas no sentido de restringir e vigiar as ações dos países beligerantes, dos imigrantes ali residentes e até mesmo dos brasileiros considerados simpatizantes do Eixo. As de “caráter preventivo” incluíam: a organização de um serviço secreto brasileiro, visando desenvolver uma vigilância permanente sobre as atividades de todos os estrangeiros e de simpatizantes dos regimes considerados antiamericanos; dotar o país de forças armadas capazes de proteger os pontos vitais contra os ataques dos inimigos; em caso de ataque, o governo brasileiro deveria manter informado o governo americano para que ele pudesse intervir.¹⁸

O governo varguista deveria ainda facilitar às Forças Armadas dos Estados Unidos o controle sobre as vias de acesso brasileiras: portos e enseadas do Rio de Janeiro, Salvador, Maceió, Recife, Natal, Fortaleza, São Luis do Maranhão e Belém do Pará; de todos os aeroportos e instalações aeronáuticas, principalmente aquelas existentes dos estados acima citados, além do Amapá. Todas as estradas de ferro e de rodagem que interligavam os portos mencionados anteriormente também eram reivindicados, além do direito de utilizar o território brasileiro como passagem para uma provável ajuda aos demais países americanos, caso fossem atacados. Por último, cabia ao governo “mobilizar a opinião pública no sentido de facilitar o auxílio prestado pelos Estados Unidos e dissuadir qualquer ataque que porventura possa ser feito pelo rádio ou pela imprensa sobre o ‘Imperialismo Yankee’”.¹⁹

A crise mundial e as negociações com os Estados Unidos tiveram uma forte repercussão no mercado interno e no cotidiano baiano. É isso que iremos tratar a seguir.

AS RELAÇÕES ENTRE ALEMÃES E BAIANOS: MERCADO INTERNO E COTIDIANO LOCAL

A presença alemã na Bahia tem sido alvo de discussão de alguns estudiosos, entre eles a Profa. Albene Miriam Menezes. Em seu artigo intitulado *Os alemães, uma presença secular*, Menezes destaca o papel dos alemães na sociedade baiana, ressaltando sua participação na economia e na cultura do Estado.²⁰

A Bahia aparece como a primeira província brasileira em que o Governo Imperial buscou estimular a fixação de colônias alemãs. Assim, em 1818, foi fundada a Colônia Leopoldina, próxima ao Rio Peruípe, no sul do Estado, em homenagem àquela que seria logo depois a imperatriz do Brasil.²¹ Em 1820-1821 foi criada a Colônia Frankental, ao norte do mesmo rio.²² Outras tentativas foram feitas, mas todas elas incorreram em fracasso, por várias razões. O alemão Otto Quele enumera algumas delas:

...sob a influência nociva de intuições e disposições herdadas, cometiam o mesmo erro econômico de concentrar homens em regiões afastadas, de situações pouco favorável, onde a utilização proveitosa das suas forças era tão pouco possível, quanto era a sua influência vantajosa sobre a vida social, os imigrantes eram colocados em locais muito afastados, em condições desfavoráveis...²³

Embora essas experiências tenham sido frustradas, muitos alemães resolveram estabelecer-se na Bahia, dispersos em meio à população. Já no século XIX, destacaram-se como produtores de café e especificamente de cacau em Ilhéus, na região sul da Bahia. Foram responsáveis pela produção de charutos no Recôncavo Baiano – Cachoeira (1816) e São Félix (1873) – dedicando-se também à exploração de ametista no Estado. Os bondes elétricos de Salvador, especificamente os que circulavam na Cidade Baixa, foram postos em funcionamento através de firmas alemãs – a Siemens e Halske – e os navios que circulavam no Rio São Francisco possuíam máquinas também alemãs.²⁴

As relações comerciais entre o Brasil e a Alemanha intensificaram-se em 1827, com a criação do primeiro tratado de comércio e de navegação, assinado pelo Brasil com as cidades que compunham a Liga Hanseática: Lübeck, Bremen e Hamburgo. Essa regulamentação foi fundamental para a abertura de casas comerciais em várias províncias. Na Bahia, a firma *Westphalen, Bach & Krohn* instalou-se em 1828, fase de grande desenvolvimento do comércio

alemão. A *Westphalen, Bach & Krohn* era responsável pelo envio de tropas de burros que conduziam mercadorias diversas por todo o território baiano.

Bancos alemães, companhias de seguros e empresas de navegação tinham participação no cenário econômico da Bahia. Empresas exportadoras de fumo garantiam aos alemães uma posição de destaque na economia baiana: as firmas Danemann & Cia, em São Félix, e Suerdieck & Cia, em Maragogipe. Outros produtos agrícolas, entre eles o cacau, permitiram que empresas como Rodenburg, Holzgreff, Stolenberg, Behrmann, Overbeck, Stainbach, entre outras, ocupassem o primeiro lugar no comércio de exportação até 1950.²⁵

A posição da Alemanha no mercado baiano foi pouco a pouco abalada no período entre-guerras. Para efeito desse trabalho, tomo como referência a situação da firma Westphalen Bach & Krohn e a crise da cultura fumageira no Recôncavo baiano.

Sobre a produção de fumo, vale mencionar que ela contribuiu para que a Bahia mantivesse fortes relações comerciais com a Europa, sobretudo com as cidades de Bremen e Hamburgo, na Alemanha. Silza Borba acentua em sua dissertação de Mestrado que, a partir de 1840, a exportação do fumo no Brasil era quase toda destinada à Alemanha. Essa produção era bem conceituada nos mercados de Hamburgo e Bremen, nos quais a produção baiana predominava entre as demais, destacando-se o fumo do Recôncavo.²⁶

Em 1934, cerca de 70% da produção fumageira era absorvida pelos alemães.²⁷ Para ter-se uma ideia da importância do fumo na economia baiana, é oportuno mencionar que na década de 30, do último século, a lavoura fumageira estendeu-se pelo território baiano, chegando a atingir 101 municípios dos 152 existentes na época.²⁸ Portanto, o comércio com a Alemanha era vital para os plantadores de fumo do Estado.

Elizabeth Rodrigues da Silva salienta que devido à produção de fumo, o Recôncavo Sul contou com investimentos dos comerciantes e do estado baiano. Esta cultura abrangia os seguintes setores produtivos: lavoura, manufaturas de charutos e empresas responsáveis pelo beneficiamento de fumo, conhecidos como *armazéns de fumo*. Era forte a presença da mão de obra feminina. As cidades de Maragogipe, Cachoeira, São Félix e Muritiba formavam o centro de produção do fumo, exportando e abastecendo outras áreas do Estado. Sua produção atingiu a marca de 200 milhões por ano, satisfazendo o gosto mais requintado das classes mais abastadas e até mesmo à clientela mais simples.²⁹

Empresas como a Dannemann, Suerdieck e Co, além da Costa Ferreira e Penna, Leite & Alves, C. Pimentel & Cia estavam instaladas nessa região, sendo que as três primeiras chegaram a empregar aproximadamente dez mil pessoas em Cachoeira, São Félix, Maragogipe, Muritiba e Cachoeira, no período áureo desse produto. As manufaturas de charutos atraíram pessoas de localidades mais distantes da Bahia, a exemplo de Bom Jesus da Lapa, na região oeste baiana, Vitória da Conquista, no sudeste, e Ilhéus e Itabuna no sul da Bahia.³⁰

A lavoura fumageira foi marcada por grandes desafios, assim como os demais setores da economia baiana. Antes da década de 30, os produtores debatiam-se com a instabilidade financeira nacional, que se refletia na exportação dos seus principais produtos: café, cacau e fumo; o deslocamento das fontes de riquezas para outras regiões do Brasil; a fragilidade do mercado interno e a precariedade do sistema de transporte, dificultando o escoamento da produção. A produção de fumo era atingida por problemas climáticos, falta de créditos, de métodos e técnicas apropriados para o cultivo, além das oscilações do mercado internacional e da concorrência de outros países.³¹ A esses fatores juntaram-se outros que minaram o setor fumageiro, contendo a influência alemã e agravando ainda mais a situação do Estado.

A partir da segunda década do século XX entra em cena um *trust* anglo-americano de fumo que, pouco a pouco, passou a exercer o mais forte controle dessa produção. Com sede no Rio de Janeiro, onde foram adquiridas duas firmas, essa iniciativa conseguiu ramificar-se por outros estados, beneficiando-se da debilidade existente no próprio setor. As rivalidades entre as firmas foi um forte condicionante, permitindo a fusão de algumas delas.

A ação de trustes na conjuntura econômica internacional é ressaltada por Borba. Com base nos documentos da época, ele procura demonstrar como esses *trustes* formaram-se nos Estados Unidos e na Inglaterra, ressaltando a finalidade da *British-American Tobacco*: “concorrer em negócios de fumo em todas as partes do mundo”, a sua consolidação no mercado cubano, além de apresentar as estratégias utilizadas por esse grupo econômico para controlar a indústria baiana.³²

Apesar das resistências das grandes firmas baianas, o monopólio anglo-americano instaura-se. Os alemães perdem o controle sobre as manufaturas e o comércio do fumo. É essa a conclusão de Borba ao elencar alguns fato-

res que poderiam ter sido responsáveis pelo declínio da produção fumageira e consequente perda do controle alemão sobre esse mercado:

Investigou-se se a crise mundial de 1929 influenciou nas firmas exportadoras e, conseqüentemente, nas indústrias de fumo na Bahia. Os documentos das firmas encaminhados à Junta Comercial não revelavam nenhum sintoma de perdas de capital. As alterações encontradas, os novos sócios admitidos, não forneciam indícios de decadência. A hipótese do surgimento de rivais mais poderosos em outras regiões do país foi afastada. Verificou-se que as indústrias de fumo da Bahia, embora concorrentes das do sul do país, não foram por estas destruídas. A pressão concorrencial, levando à extinção as empresas fumageiras na Bahia, pelo que indicam os documentos encontrados na Câmara de Comércio de Bremen e no Arquivo do Estado daquela cidade, foi feita com a introdução do *trust* anglo-americano do fumo que encampando inicialmente firmas do Rio de Janeiro, estendeu seu domínio aos outros Estados do Brasil, provocando a sucessiva eliminação das concorrentes.³³

Com a II Guerra Mundial, a presença alemã na Bahia e nos outros Estados brasileiros recrudescerá ainda mais. A Dannemann foi interdita pelo governo, um dos sócios da Suerdieck, o alemão Karl Horn, foi afastado sob a acusação de que era nazista.

Para melhor compreensão desse momento, apresento a seguir, em tabelas, o volume de exportação de fumo no mercado internacional. O Quadro 1 é bastante ilustrativo e reflete o predomínio dos alemães no comércio fumageiro baiano.

Quadro 1
Situação do fumo baiano no mercado internacional (1930)

ESPECIFICAÇÃO	E U A	INGLATERRA	FRANÇA	ALEMANHA	SUIÇA	HOLANDA
Fumo em folhas	-	1.555	4.138	174.241	8.612	106.830
Fumo em corda	-	-	-	3.805	-	-
Fumo em bagaço	-	-	-	770	-	-
Fumo em aparas	-	-	-	1.207	-	-

FONTE: Relatório da 90ª Directoria da Associação Commercial da Bahia . 27 de fevereiro de 1931.

Os efeitos da guerra na Bahia podem ser percebidos no Quadro 2, sobretudo a partir do bloqueio imposto pela Inglaterra ao comércio marítimo, paralisando as atividades comerciais da Alemanha não somente com o Brasil, mas com os demais países da América do Sul.

Quadro 2
Situação do fumo baiano no mercado internacional (1941)

ESPECIFICAÇÃO	EUA	INGLATERRA	FRANÇA	ALEMANHA
Fumo em folhas	4.483	-	-	-
Fumo em corda	-	-	-	-
Fumo em bagaço	-	-	-	-
Fumo em aparas	-	-	-	-

FONTE: Relatório da 102 Directoria da Associação Commercial da Bahia . 26 de fevereiro de 1943.

Se nos anos anteriores, os norte-americanos não tinham participação no setor fumageiro, as pressões impostas ao governo brasileiro e os acordos estabelecidos no decorrer do conflito mundial contribuíram para que isso acontecesse. Sobre isso, nos referimos na primeira parte desse estudo.

As alterações na conjuntura econômica verificadas em 1950 podem ser percebidas em um documento publicado pela Associação Comercial da Bahia, intitulado *Há lugar para o fumo brasileiro no mercado externo – o que revelam as mais recentes estatísticas*. Essas mudanças refletem-se no câmbio com a utilização do dólar, evidenciando o domínio dos Estados Unidos no mercado fumageiro: “Com efeito, se a posição desse produto na área do dólar foi prejudicada pela competição dos países que desvalorizaram suas moedas, devemos adotar medidas de urgência tendentes a corrigir a situação...”³⁴

A participação da Alemanha no mercado interno brasileiro é outro exemplo emblemático das disputas entre as grandes potências mundiais. Como exemplo, pretendo analisar de forma muito breve a situação da firma Westphalen, Bach & Krohn, espécie de loja de departamento, muito comum ainda na Europa.

Em 1828, dois alemães – Ferdinand Laeisz e Fredrich Bonne - resolveram fundar na Bahia uma casa comercial responsável pela fabricação de chapéus e de venda de vários produtos importados: ferragens, cutelarias, brinquedos, miudezas e drogas, além do fornecimento de mercadorias para abas-

tecer os comerciantes locais. Anos depois, em 1904, o crescimento da Westphalen, Bach & Krohn era significativo: o abastecimento do mercado interno baiano havia atingido 90% do movimento total, quando anteriormente era apenas de 10%. Em 1928, a empresa era comandada pelos sócios alemães Hans Greve e Hans Westphalen e possuía 81 empregados, sendo 68 brasileiros e 13 alemães; atendia 4.000 fregueses ligados a 800 casas comerciais do Rio Amazonas à Minas Gerais.³⁵

Considerada uma das maiores firmas da Bahia, a Westphalen, Bach & Krohn foi fortemente abalada com a II Guerra Mundial. Um dos seus sócios, o Sr. Hans Libert Westphalen, e outros funcionários foram considerados suspeitos, sendo encaminhados para Maracás como prisioneiros de guerra. Ao sair do internamento, em 1945, a firma já não mais existia:

Fomos presos, eu e todos os funcionários da Westphalen de uma só vez, conta ele. Só não foram presos o sócio mais velho, Hans Grave [sic] por ser já muito idoso e uma funcionária casada com um “graúdo” brasileiro. Com a ajuda de amigos brasileiros esse sócio foi promovendo a liquidação. Conseguimos vender uma boa parte do estoque, que era muito grande, a preços normais mas não havia renovação. Além disso o funcionamento da firma era muito complicado com menos empregados, agentes em todo o Nordeste e muitos viajantes. Só em Salvador tínhamos 100 empregados no escritório central e outros 100 na fábrica de pregos.³⁶

Nos bastidores políticos as disputas manifestam-se e, no âmbito social, afloram os conflitos entre imigrantes ligados aos países do Eixo e parcela significativa da população. A partir da década de 40, os imigrantes alemães, italianos e japoneses passaram a ser manchete na imprensa nacional. Em meio às notícias relativas aos afundamentos de navios brasileiros, chamam a atenção as denúncias contra os alemães, acusados de desenvolver atividades contra a segurança nacional, além da existência de notícias que se referem às mobilizações, de cunho nacionalistas, lideradas por estudantes secundaristas e universitários e por profissionais liberais, além dos apelos desses segmentos ao governo varguista para que o Brasil aderisse ao conflito.

Eram considerados alemães os tripulantes de navios que aportaram em Salvador em 1939,³⁷ imigrantes que se fixaram na Bahia nas primeiras décadas do século XX e outros que foram atraídos pelo crescimento do comér-

cio com a Alemanha, os que exerciam funções diplomáticas, além dos descendentes e esposas de alemães de nacionalidade brasileira. As denúncias tinham motivações diversas, entre elas: a utilização do idioma alemão e o uso dos símbolos pátrios (bandeira, insígnias e hino germânico). Mesmo o hábito de tomar cervejas era considerado suspeito.³⁸

Embora os jornais não possam retratar uma realidade, eles apresentam alguns indicativos sobre determinada época e estes quando confrontados com outras fontes podem revelar muito mais do que a simples ideologia da classe dominante. Os fragmentos abaixo podem servir para ilustrar essa discussão:

A polícia em diligência efetuada ontem à noite deteve vários alemães suspeitos, recolhendo-os ao Quartel dos Aflitos”. Também da cidade de Cruz das Almas, chegaram dois súditos do “eixo” que ali passavam por pastores protestantes.³⁹ Estendendo o movimento anti-fascista e pela Defesa Nacional por todo o Estado, com o fim de preparar a consciência [sic] nacional contra as maquinações criminosas da Quinta coluna, a *União da Bahia Pela Defesa Nacional e a Comissão Central Estudantil Pela Defesa Nacional e Pró-Aliados* levarão a efeito. Domingo próximo, em Feira de Sant’Anna, um grande comício anti-fascista no decorrer do qual serão instaladas a *União de Feira de Santana Pela Defesa Nacional e a Comissão Estudantil Feirense Pela Defesa Nacional e Pró-Aliados*.

No decorrer da semana, delegados da Comissão Central Estudantil estiveram naquela cidade, ultimando medidas para assegurar o exito da grande demonstração democrática.

Apoio de Toda a Sociedade.⁴⁰

As notícias de jornais com os auto de inquéritos e relatórios da Delegacia Especial confrontados com os dados pertencentes às firmas alemães existentes na Bahia permitem-nos ter uma visão geral da posição que esses alemães ocupavam na economia baiana.

Dos que foram encaminhados a Maracás, muitos faziam parte da tripulação dos navios que aportaram em Salvador em 1939. Parcela significativa dos alemães residentes nas cidades litorâneas, sobretudo na capital do Estado, que estava ligada a diversas atividades econômicas, também foi enviada para este município. Entre eles, sete comerciantes, dos quais um era sócio da firma Westphalen, Bach & Krohn. Dos trinta alemães que exerciam atividades comerciais que foram confinados em Maracás, um deles era sócio da Charutaria Dannemann; da Suerdieck, firma considerada brasileira, foram

presos quatro alemães que ocuparam postos de gerência. Dos três funcionários do Banco Transatlântico Alemão, um também ocupava o cargo de gerente.

Além disso foram detidos um lapidador de pedras preciosas; um ourives; cinco mecânicos; um pintor e escultor; um garçom; dois cozinheiros; uma empregada doméstica; um pastor luterano; cinco empreiteiros; um professor do Colégio Alemão e um carpinteiro.⁴¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o fim da II Guerra Mundial, os alemães que foram detidos buscaram retomar às suas atividades. Todavia, a situação já não era a mesma: o comércio com a Alemanha foi fortemente abalado, muitas firmas fecharam, a exemplo da Westphalen, Bach & Krohn, e outras não conseguiram se soerguer, apesar das tentativas empreendidas, a exemplo da Charutaria Dannemann. O Colégio Alemão e o Clube Germânia estavam fechados. Os Estados Unidos conseguiram consolidar sua hegemonia político-econômica não somente no Brasil, mas em toda a América do Sul.

A política nacionalista do Estado Novo serviu de parâmetro para identificar o *Diferente*. A língua, os hábitos alemães, a religião, o sentimento de germanidade foram considerados ameaça à segurança nacional. A filiação dos alemães ao partido nazista e a suspeita de espionagem e de envolvimento nos afundamentos de navios não foram descartadas e fazem parte da pesquisa que ora venho desenvolvendo.

As marcas da presença alemã na economia do Estado podem ser percebidas no cenário baiano, sobretudo nas cidades localizadas no Recôncavo Baiano e em Salvador. Em São Félix, por exemplo, uma fundação de origem suíça, depois de adquirir as instalações da Charutaria Dannemann, continua exportando charutos para a Europa, seguindo o mesmo padrão do século XIX, a partir da reconstituição das etapas de produção desse período.

Um passeio pela área denominada de Comércio pelos baianos, localizada na Cidade Baixa, permite que se percorra ruas cujos nomes são alusivos aos países: Rua Portugal, Avenida Estados Unidos, Praça da Inglaterra. Para chegar ao imponente prédio da firma Westphalen, Bach & Krohn era necessário passar pela Rua da Alemanha. Mas isso foi antes da entrada do Brasil na II Guerra. A partir daí, ela passou a ser chamada Rua da Polônia.

NOTAS

¹ SILVA, Hélio. *1944: O Brasil na guerra*, 1974. Entre as publicações relacionadas à presença de soldados brasileiros na guerra: SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *A FEB por um soldado*, 1989.

² PERAZZO, Priscila. *Prisioneiros de Guerra. Os Cidadãos do Eixo nos Campos de Concentração Brasileiros*, 2002.

³ Fáveri, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra*. Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina, 2002.

⁴ FÁVERI, Marlene de. op. cit., p. 22-23.

⁵ SILVA, Marina Helena Chaves. *E eis que chegam os alemães! Alteridade e Memória em Maracás*, 2001.

⁶ RODRIGUES, José Honório e SEITENFUS, Ricardo A.S. *Uma História Diplomática do Brasil (1531-1945)*, 1995.

⁷ FALCÃO, João. *O Brasil e a 2ª. Guerra Mundial – Testemunho e depoimento de um soldado convocado*, 1999.

⁸ RODRIGUES, José Honório e SEITENFUS, Ricardo A.S. op. cit., p. 347 .

⁹ HILTON, Stanley. *O Brasil e as Grandes Potências – Os aspectos da rivalidade comercial (1930-1939)*, 1977, p. 23-24

¹⁰ RODRIGUES, José Honório. op. cit., p. 370-386.

¹¹ Decreto-Lei n. 383, de 18 de abril de 1938. IN: RODRIGUES, José Honório. op. cit., p. 382-383. Giralda Seyferth, ao tratar da política imigratória brasileira ressalta o impacto dessas medidas no Sul do Brasil, região que concentrava as colônias alemãs. SEYFERTH, Giralda. *Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo*. IN: PANDOLFI, Dulce. *Repensando o Estado Novo*, 1999, p. 219-221.

¹² RODRIGUES, José Honório. op. cit., p. 399.

¹³ RODRIGUES, José Honório. op. cit., p. 401-403

¹⁴ DULLES, John W.F. *Getúlio Vargas – biografia política*. IN: FALCÃO, João. op. cit., p. 34

¹⁵ FALCÃO, João. op. cit., p. 34-36

¹⁶ HILTON, Stanley. op. cit., p. 326-327.

¹⁷ Rodrigues acentua que três companhias aéreas atendiam aos interesses alemães: a filial da Lufthansa – CONDOR –, a VARIG e a VASP. Em todas elas eram germânicos também a participação de capital, o pessoal de bordo e todo material necessário para a aviação. As Linhas Aéreas Transcontinentais Italianas (LATT) faziam o percurso São Paulo e Rio de Janeiro à Europa. Segunda ainda Rodrigues, com base em documentos da época, a interferência norte-americana era norteada por dois objetivos: “proteger e desenvolver o serviço internacional (aéreo) dos Estados Unidos... e, de outro estudar a possibilidade de cooperar com os governos das Repúblicas Americanas, com vistas ao estabelecimento de companhias nacionais de avião”. A confirmação de atividades subversivas e a prática de espionagem, mediante violação de correspondências brasileiras para as missões diplomáticas e consulares na Europa, eram especificamente realizadas pela polícia de segurança italiana. A partir do segundo semestre de 1941, a PANAIR do Brasil passou a deter essas atividades. RODRIGUES, José Honório. op. cit., p. 434-447.

¹⁸ RODRIGUES, José Honório. op. cit., p. 444.

¹⁹ RODRIGUES, José Honório. op. cit., p. 444-445.

²⁰ MENEZES, Albene Miriam F. *Os alemães, uma presença secular*. IN: REVISTA DA BAHIA, nº. 16, maio/90. Considere-se ainda a sua tese de Doutorado em Filosofia defendida na Universidade de Hamburgo acerca das relações de comércio entre o Brasil e a Alemanha entre 1920 a 1950, dando ênfase ao comércio de cacau. MENEZES, Albene Miriam. *Die Handelsbeziehungen zwischen Deutschland und Brasilien in den Jahren 1920-1950 unter besonderer Berücksichtigung des Kakaohandels*, 1987.

²¹ Ao discutir a presença alemã na Bahia do século XIX, destacando a importância do médico Wucherer como clínico e pesquisador, elemento de mediação entre a comunidade científica alemã e baiana, Maria Renilda N. Barreto e Lina Maria Aras Brandão além de mencionar a *Colônia Leopoldina*, referem-se a outro núcleo de imigrantes, criando também em 1818: a Rio Salsa, cujo nome se origina desse mesmo rio, afluente do Rio Pardo. BARRETO, Maria Renilda N. e ARAS, Lina Maria Brandão. *Salvador, cidade do mundo: da Alemanha para a Bahia*. IN: *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*. no. 1, 2003, p. 156.

²² EDELWEISS, Frederico G. *A Secular Presença da Alemanha na Bahia*. IN: II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros, 1974, p. 595-597.

²³ QUELE, Otto. *A Atuação Germanica no Estado da Bahia*. IN: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, no. 59, 1933, p. 466.

²⁴ QUELE, Otto. op. cit., p. 470-474.

²⁵ MENEZES, Albene Miriam F. op. cit., p. 37.

- ²⁶ BORBA, Silza. Fraga Costa. *Industrialização e Exportação de Fumos da Bahia de 1870 a 1930*, 2001, p. 77-80.
- ²⁷ HILTON, Stanley. op. cit., p. 114.
- ²⁸ Relatório sobre o fumo. Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio. APEB, Cxa. 2378, maço 149, p. 31.
- ²⁹ SILVA, Elizabeth Rodrigues da. *Fazer Charutos: uma atividade feminina*, 2001, p. 56.
- ³⁰ Silva, Elizabeth R. da. op. cit., p. 58-85.
- ³¹ BORBA, Silza F. op. cit., p. 9-11.
- ³² BORBA, Silza. Op. cit., p. 65-66.
- ³³ BORBA, Silza, op. cit., p. 73-74.
- ³⁴ Boletim da Associação Comercial da Bahia, janeiro de 1950.
- ³⁵ LIMA, Lamartine de Andrade. *Westphalen, Bach e Krohn* – uma firma alemã na memória do comércio. IN: *Jornal A Tarde caderno cultural*, 28 de nov. de 1998, p.8-10.
- ³⁶ O depoimento dado aos jornalistas do *Estado de São Paulo*, em 1978, é parte de uma pesquisa de campo desenvolvida por esse veículo de comunicação com o objetivo de publicar reportagem sobre os 500 anos da presença alemã no Brasil. A matéria publicada foi bastante restrita. Cópia do Suplemento Especial de *O Estado de São Paulo* sobre a Alemanha – 500 anos de presença alemã no Brasil – São Paulo, 26 de nov. de 1978.
- ³⁷ Em 1939, três navios alemães aportaram em Salvador. Dois dos quais eram cargueiros: o *Maceió* e o *Bollwerk*, e um terceiro, o Antonio Delfino, era misto (comportava carga e passageiros). Os tripulantes receberam ordens do governo alemão para retornar ao país de origem. Todavia, cerca de 32 homens e 1 mulher não embarcaram e permaneceram em Salvador. Posteriormente foram enviados para Maracás. SILVA, Marina. op. cit., p. 21-22.
- ³⁸ SILVA, Marina Helena Chaves. op. cit., p. 21-28.
- ³⁹ *Alemães suspeitos às voltas com a polícia*. *Jornal A Tarde*. Salvador, 20 de ago. de 1942, última página
- ⁴⁰ *Evangelização democrática do interior baiano*. *Jornal A Tarde*. Salvador, 23 de jul. de 1942.
- ⁴¹ O Consulado da República Federal da Alemanha elaborou, em 21.07.67, uma relação contendo os nomes dos alemães que foram enviados para Maracás. A listagem nos foi entregue no dia 07.07.1999 pelo próprio Cônsul, Sr. Wolfgang Roddewig. As dissertações de Mestrado de Elizabeth Silva e Silza Borba analisam a composição social das

firmas ligadas à cultura fumageira, mencionando os nomes de alemães que ocupavam postos-chave. Além disso, os nomes de várias firmas de charutos e de comércio de fumo são outros indicativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Silza. Fraga Costa. *Industrialização e Exportação de Fumos da Bahia de 1870 a 1930*. Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas. Salvador-BA: UFBA, 1986.

FALCÃO, João. *O Brasil e a 2ª. Guerra Mundial – Testemunho e depoimento de um soldado convocado*. Brasília: UNB, 1999.

FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra*. Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Tese de Doutorado em História Cultural. Santa Catarina: UFSC, 2002.

HILTON, Stanley. *O Brasil e as Grandes Potências – Os aspectos da rivalidade comercial (1930-1939)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.

MENEZES, Albene Miriam. *Die Handelsbeziehungen zwischen Deutschland und Brasilien in den Jahren 1920-1950 unter besonderer Berücksichtigung des Kakaohandels*. Hamburgo: Universität Hamburg, 1987.

PANDOLFI, Dulce. *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

PERAZZO, Priscila. *Prisioneiros de Guerra. Os Cidadãos do Eixo nos Campos de Concentração Brasileiros*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: USP, 2002.

RODRIGUES, José Honório e SEITENFUS, Ricardo A.S. *Uma História Diplomática do Brasil (1531-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

SILVA, Elizabeth Rodrigues da. *Fazer Charutos: uma atividade feminina*. Dissertação de Mestrado de História. Salvador-BA: UFBA, 2001.

SILVA, Hélio. *1944: O Brasil na guerra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

SILVA, Marina Helena Chaves. *E eis que chegam os alemães! Alteridade e Memória em Maracás*. Dissertação de Mestrado em Memória Social e Documento. Rio de Janeiro: UNIRIO/UESB, 2001.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. *A FEB por um soldado*. Rio de Janeiro: Cia Editora Nacional, 1989.

MARINA HELENA SILVA

PERIÓDICOS

HISTÓRIA, CIÊNCIAS, SAÚDE: MANGUINHOS. Nº 1, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2003.

II COLÓQUIO DE ESTUDOS TEUTO-BRASILEIROS. Recife: Editora Universitária (Universidade Federal de Pernambuco), 1974.

REVISTA DA BAHIA, Salvador, nº. 16, maio/90. .

REVISTA DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA – Teoria da Aprendizagem, no. 59. Bahia: IGHB, 1933.

RESUMO: O texto aborda a situação do Brasil na conjuntura econômica internacional, no período anterior à Segunda Guerra Mundial, demonstrando sua inter-relação com o mercado interno e baiano.

PALAVRAS-CHAVE: Conjuntura econômica, mercado interno.

ABSTRACT: The text addresses the situation of Brazil in the international economic environment in the period preceding World War II, showing their inter-relationship with the internal market and Bahia.

KEY-WORDS: Economic environment, internal market.